

A REFLEXÃO DE NIETZSCHE SOBRE A EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE

Filicio Mulinari¹

Rodrigo Louzada²

Resumo: Em *Genealogia da Moral*, Nietzsche reflete sobre a irrupção da memória assim como sobre o nascimento da consciência, e conseqüentemente, os valores morais. Assim, tendo essa obra como referência basilar, o presente artigo visa corroborar a importância dos valores estabelecidos para a sociedade ocidental, pontuar que valores são estes e qual é o papel da escola na transmissão destes valores. Em uma última análise, ainda na via nietzschiana, indicar-se-á como superá-los em busca de uma educação que forme pessoas voltadas para aquilo que o filósofo classificou como “vida autêntica”. Noutros termos, será traçada uma linha pelo pensamento deste autor no que tange o assunto “educação” no decorrer histórico, como uma forma de se tentar entender os problemas que estão presentes na contemporaneidade na visão de Nietzsche, filósofo que entendeu como poucos a época em que estava inserido.

Palavras-chave: Cultura; Arte; Apolíneo; Vontade de Potência.

Abstract: On the *Genealogy of Morality*, Nietzsche reflects on the occurrence of memory as well as on the origin of consciousness, and consequently moral values. So taking the *Genealogy of Morality* as a basic reference, this article aims to support the importance of the values established for Western society and shows what the role of schools in transmitting these values is. In a final analysis, will be indicated as overcoming this values in search of an education to form people in an authentic life. In other words, a line by thinking this author regarding the subject "education" in the historic course will be drawn, as a way of trying to understand the problems that are present in contemporary times in Nietzsche's view.

Keywords: Culture; Art; Apollonian; Will to Power.

¹ Professor de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo, Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo, Mestre em Filosofia. Email: filicio@gmail.com.

² Aluno do curso de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo. Email: rodrigorush@uol.com.br

Introdução

Rebelde e provocador, Nietzsche se propôs a desmascarar as fundações e valores da cultura ocidental mostrando que há interesses e motivações ocultas, e não valores absolutos. Foi um professor universitário e escreveu obras específicas sobre educação, e nunca deixamos de perceber sua veia pedagógica em toda a sua carreira intelectual, foi um professor nato, e em todas as suas obras notamos que a intenção deste mestre era a de formar educadores capazes de levar seus alunos a pensarem por si mesmos.

Para a compreensão do que pensa Nietzsche sobre a educação é preciso passar por praticamente todo o pensamento deste filósofo, já que na concepção nietzschiana o mundo e o homem não estão separados. Não há o homem e o mundo: existe a relação do homem com este mundo e entre si, como uma espécie que gerou uma regra de conduta, uma moral. Esta moral se formou quando o homem ainda era um animal esquecido e espontâneo como todos os outros. Em *Genealogia da Moral*, Nietzsche reflete sobre a irrupção da memória assim como sobre o nascimento da consciência, e conseqüentemente, os valores morais. Assim, tendo essa obra como referência basilar, o presente artigo visa corroborar a importância dos valores estabelecidos para a sociedade ocidental, estabelecer que valores são estes e qual é o papel da escola na transmissão destes valores. Em uma última análise, ainda na via nietzschiana, indicar-se-á como superá-los em busca de uma educação que forme pessoas voltadas para aquilo que o filósofo classificou como “vida autêntica”.

Noutros termos, será traçada uma linha pelo pensamento deste autor no que tange o assunto “educação” no decorrer histórico, como uma forma de se tentar entender os problemas que estão presentes na contemporaneidade na visão de Nietzsche, filósofo que entendeu como poucos a época em que estava inserido.

Valor e Modernidade: entre o apolíneo e o dionísíaco

A tradição filosófica ocidental parte do princípio de que o homem é um ser dotado de razão, um ser racional, por isso cria as condições para a construção de uma cultura que dê conta de explicar sua existência no mundo, que dê sentido as suas ações (Martins, 2006, p. 317). O homem, diferente de outros animais que vivem em harmonia com a natureza, interfere na natureza, a transforma, instaurando assim a cultura, estabelecendo regras para o convívio com seus semelhantes. O homem cria seus valores e rege suas atitudes em nome destes valores estabelecidos. Os valores são tidos como sócio-históricos, o que permite falar de uma

moral para cada cultura em um determinado período histórico. Entretanto, não basta apenas estabelecer os padrões morais e criar parâmetros que os guiem, é necessário ainda reforçar e transmitir estes valores para os demais indivíduos de uma comunidade. Estes processos educacionais de transmissão de valores passaram por muitas mudanças na história do Ocidente. Contudo, pode-se dizer, tal como afirma Martins (2006, p. 318) que é na Modernidade que este papel passa, essencialmente, pela escola.

Valorar é sempre uma relação entre o sujeito que valoriza e o objeto valorado. O homem valoriza para dar sentido às suas ações. Quando se atribui valor a uma ação, isto significa que se é tomado um lado, baseado em uma determinada visão de mundo. Assim, todas as culturas têm uma necessidade de estabelecer valores morais, estabelecer os limites que caracterizarão uma sociedade. Isso posto, destaca-se que Nietzsche critica os valores instaurados pela Modernidade, repassados pela escola de massa. Em sua obra *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche contrasta a vibrante cultura dionisíaca, evidente na Grécia pré-socrática, com os versos apolíneos mais racionais, evidenciados na argumentação socrática e na tragédia grega mais madura. A cultura dionisíaca era eminentemente afirmadora da vida, expressava energias e paixões corporais e unia as pessoas através do compartilhamento do êxtase das experiências culturais, das intoxicações e das festas – fatores estes que, segundo acreditava Nietzsche, criavam indivíduos fortes e saudáveis assim como uma cultura vigorosa.

Para Nietzsche, a cultura socrática era uma resposta à quebra e à fragmentação da cultura trágica grega, substituída por um conjunto comum de valores éticos homogêneos, normas teóricas e procedimentos metodológicos. Para Nietzsche, a razão de ser destes valores era a substituição dos deuses gregos por uma cultura racional mais unificada. De certa forma, a cultura socrática promoveu uma “cura” para uma emergência cultural, com um racionalismo extremo. O resultado foi uma equação de razão, conhecimento e virtude que fez da razão o instrumento de condução à verdade e à moralidade.

Por meio de sua obra, Nietzsche viu a cultura socrática como sendo a força formadora do período moderno, incluindo seus resultados negadores da vida. Sócrates, para Nietzsche, foi um símbolo de decadência, de atrofia dos instintos elementares da vida, que veio dominar o corpo e as paixões humanas, constituindo um processo que se intensificou, no decorrer dos séculos e que Nietzsche viu como sendo formador da era moderna. Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche descreve a degradação da arte contemporânea e como uma crítica cultural de baixo nível - preparada pela educação e pelos jornais - acabou por levar a uma inabilidade na apreciação da arte genuína. Sobre isto, Nietzsche escreve:

A tendência a empregar o teatro como uma instituição para a formação moral do povo, que no tempo de Schiller foi tomado a sério, já é contada entre as incríveis antiguidades de uma cultura superada. Enquanto a crítica chegava ao domínio no teatro e no concerto, o jornalista na escola, a imprensa na sociedade, a arte degenerava a ponto de se tornar um objeto de entretenimento da mais baixa espécie, e a crítica estética era utilizada como meio de aglutinação de uma sociedade vaidosa, dissipadora e egoísta e ademais, miseravelmente despida de originalidade. (NIETZSCHE, 1992, p. 135-136)

Nietzsche via assim a cultura de massas, perpetuada pela escola, como sendo um elemento corrosivo para a arte autêntica. Este foi o papel delegado à escola e a educação nos últimos séculos: a de transmissora de valores deturpados e medianos, negadores da vida.

Na Idade Média, com o advento do cristianismo, existe uma mudança na reflexão ética, isso porque neste período a razão passa a ser subordinada pela fé. No entanto, nota-se que mesmo com esta mudança de foco ainda é o pensamento inaugurado por Sócrates - o pensamento racional, apolíneo - que guia as ações dos homens. Como exemplo, podemos citar Santo Agostinho (354-430, que usa a teoria platônica para propor uma elevação até Deus, e Tomás de Aquino (1225-1274), que utiliza o pensamento aristotélico para afirmar que Deus é o bem supremo; logo, um comportamento ético só é possível seguindo a lei divina revelada. Nota-se que mesmo esta lei divina revelada só pode ser interpretada por um homem racional que tenha os mecanismos em sua consciência para seguir uma vida virtuosa. Assim, mesmo que se fale de um pensamento teocêntrico, continua-se no fundamento desse pensamento a afirmação de uma cultura apolínea, rígida e racional.

Com Nietzsche temos o questionamento a ética racionalista iniciada em Sócrates e que perdurou até a contemporaneidade. Ele afirma a importância das emoções e dos desejos; de fato, Nietzsche afirma categoricamente que as emoções, os desejos e as vontades são partes fundamentais da vida e negá-los, como faz a tradição ocidental pautada na filosofia socrático-platônica, é o sintoma de uma sociedade doente. Tal como afirma Martins (2006, p. 323), a educação vigente está impregnada desta moral racionalista baseada na concepção que usa a razão para controlar as paixões, e nega a vida e o corpo.

Nietzsche não foi o primeiro nesta luta contra os valores vigentes. No século XVIII, tem-se um forte movimento para libertar a educação do monopólio da Igreja Católica. Vários fatores podem ser citados como os motivos para esta laicização da educação: os avanços da ciência; a consolidação da visão antropocêntrica; a perda de poder temporal da Igreja Católica; e a ascensão da burguesia, que cada vez mais se fortalecia no campo econômico e almejava assumir a máquina administrativa do Estado, entre outros. Em toda a Europa ocorre

um processo de renovação político-cultural e este processo inaugura uma nova forma de racionalidade, uma racionalidade que seria capaz de libertar o homem da escuridão de sua ignorância, fortalecia-se o Iluminismo. A educação contemporânea será profundamente marcada pelo Iluminismo. Contudo, para Nietzsche, a educação, mesmo com as ideias do Iluminismo, está carregada de valores da tradição socrática, negadores da vida em prol de um exagero de racionalidade. Conceitos como “igualdade”, “humildade”, “compaixão” além de outros, como “verdades universais” “racionalidade” e “sujeito” são, segundo Nietzsche, a moral (valores) dos fracos, daqueles homens que negam a vida em troca de um “ideal acético³”. A escola de hoje segue sendo um dos pilares da consolidação das concepções morais, fazendo com que crianças, adolescentes e adultos internalizem regras e normas que devem criar alguns comportamentos padronizados, acéticos, negadores da espontaneidade e da vida.

A Língua e sua relação com a cultura

O estudo do tema de educação em Nietzsche remete as seguintes perguntas: que tipo de comportamentos são estes estabelecidos e produzidos pelo âmbito escolar atual? Como este pensador pode contribuir para uma mudança de horizonte favorável em nosso modo de pensar a vida escolar? Para nos aprofundarmos mais nestas questões recorreremos às conferências que compõem o escrito inacabado “*Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino*”, que aborda o problema da cultura e da educação, e levanta um problema chave: o futuro dos estabelecimentos de ensino alemães do final do século XIX, tendo como fundamento o modelo Iluminista de educação – ainda muito similar aos adotados pelas escolas brasileiras.

Nietzsche criticava o sistema escolar por considerar este um reforço da moral de rebanho. Seu campo de investigação são os estabelecimentos de ensino alemães: A escola primária, o ginásio, as escolas técnicas e as universidades. Sobre o ginásio, particularmente, Nietzsche se referiu várias vezes, ratificando sua importância crucial, considerava-o como o elo mais importante na cadeia educacional:

³ Ideal Acético seria para Nietzsche um refúgio para aqueles que, no mundo, não conseguem expressar seus instintos. Trata-se de uma internalização dos instintos. Constrói-se, então, um mundo onde os fracos se realizam. Nietzsche trata deste tema em “A Genealogia da Moral”. O ideal acético demonstra bem o horror que o homem fraco possui diante do vácuo, do vazio da existência, e a necessidade da construção deste mundo perfeito, muito diferente da concepção de mundo que para Nietzsche era um embate perene e cruel de vontades de potência que querem o tempo todo se afirmar no mundo; um mundo caótico, sem nenhuma ordem necessária, este mundo nietzschiano assusta os homens dos ideais ascéticos que constroem um mundo de verdades universais e *transformam* a vida em uma busca pelo nada.

O filósofo assim como o seu companheiro ficaram mergulhados em um silêncio sombrio: cada um deles percebia o singular estado de miséria que acometia o mais importante estabelecimentos de ensino, o ginásio [...]. Arrastar para a luta uma escola voltada para a verdadeira cultura e inflamar, particularmente o ginásio, a nova geração ascendente para o que é verdadeiramente alemão, eis a atividade futura que esperamos da escola (Nietzsche 2003 p. 214).

Nietzsche considerava o ginásio mais importante do que a universidade, por enxergar nele uma estância estratégica que deveria funcionar como ponto de partida para a formação do “homem cultivado”, um contraponto ao “homem comum”, que são voltados ou, ainda, preparados para a busca da felicidade identificada com a utilidade do dinheiro e para atender as demandas da produção e do mercado. Noutros termos, Nietzsche via na base da educação alemã o cultivo comum de uma inteligência voltada para a propriedade e o lucro. Numa escola que adota estes valores como finalidade seria, para Nietzsche, um lugar impossível de se fomentar uma cultura verdadeira. Uma cultura verdadeira não se forma em um espaço voltado essencialmente para a criação de uma profissão, uma função, um cargo; uma cultura verdadeira só poderia ser alcançada quando a educação der aos seus alunos uma visão de conjunto da vida.

Apesar de sua reconhecida importância, o ginásio não apresenta as condições necessárias para desempenhar a tarefa de servir de base para uma “cultura superior”. Contrário a isso, o que impera nos estabelecimentos de ensino da Modernidade é, na visão de Nietzsche, o triunfo de uma “cultura jornalística”, que exalta o efêmero, as conclusões apressadas, a leitura rápida. O aluno desta escola não privilegia o pensamento, mas sim a opinião, sua potência criadora é abafada por uma pseudocultura.

É importante frisar que, no contexto histórico que Nietzsche tece seus comentários, existem duas tendências teóricas opostas que norteiam os fundamentos educacionais da Alemanha: uma visa difundir, expandir e alargar a cultura; a outra tende a simplificar a cultura; a primeira tendência amplifica a cultura por um processo de “democratização” do acesso à escola, inclusive com a construção de espaços físicos para o recebimento de um número maior de estudantes e principalmente professores a serviço do Estado. Por outro lado temos a segunda tendência, onde nestas instituições de ensino, se oferece uma “formação” de modo rápido, com viés estritamente pragmático para formar, exclusivamente, técnicos e funcionários para a burocracia estatal. Podemos concluir daí que este processo leva a uma generalização da cultura. Segundo Nietzsche, em uma polêmica afirmação, a popularização da cultura resulta em um exagerado senso de simplificação.

Com boa vontade, descreverei para você quais foram as características que encontrei nos problemas da cultura e da educação, que surgem hoje de maneira tão viva e tão premente. Assim, me pareceu que se tratava de distinguir duas orientações principais: duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos, mas unidas enfim em seus resultados, dominam atualmente os estabelecimentos de ensino: a tendência à *extensão*, à *ampliação* máxima da cultura, e a tendência à *redução*, ao *enfraquecimento* da própria cultura. A cultura, por diversas razões, deve ser estendida a círculos cada vez mais amplos, eis o que exige uma tendência. A outra, ao contrário, exige que a cultura abandone suas ambições mais elevadas, mais nobres, mais sublimes, e que se ponha humildemente a serviço não importa de que outra forma de vida, do Estado, por exemplo. (NIETZSCHE 2003, p. 61)

Esta situação de “cultura para as massas” produz indivíduos apáticos, ignorantes em questões filosóficas ligadas ao sentido da existência, ávidos pelos valores estabelecidos de “adequação”, “integração” e “conformismo” gerando assim um enorme rebanho de homens comuns, “eruditos” e professores despreparados. Um exemplo deste despreparo, citado pelo autor, é a forma como a língua nacional é tratada nestes estabelecimentos, a saber, de forma grosseira, superficial e jornalística, sendo que o estudo aprofundado do idioma deveria ser justamente o ponto de partida para uma cultura superior. Para Nietzsche, a língua nacional seria o terreno fértil e fecundo necessário a todos os esforços posteriores no sentido da cultura. Ressalta-se que, para o filósofo, o ensino da língua nacional nos ginásios estaria relegado à barbárie, como resultado disso, a língua alemã era falada e escrita de forma vulgar, em um estilo jornalístico rasteiro, disfarçado em uma falsa eloquência.

Outro resultado do mau tratamento dado à língua nacional era a formação dos atuais professores, principalmente os universitários. Para Nietzsche (2003, p. 214), os filósofos acadêmicos foram pessoas absolutamente indiferentes, cuja atividade consistia em elaborar algo partir dos resultados das outras ciências, ler jornais em sua hora de lazer e frequentar concertos; pessoas, não obstante, que eram tratadas por seus confrades com um desprezo cortesmente mascarado. No entanto, Nietzsche reconhece que o aprendizado da língua não é uma tarefa fácil, e por isso ele nos remete a reconhecer a importância dos grandes poetas para que percebamos que a língua materna é o germe de uma cultura superior.

[...] ao ginásio falta até agora o primeiro objeto de estudo, o mais simples, com o qual começa uma verdadeira cultura, a língua materna: e por isso mesmo lhe falta o solo natural e fecundo necessário a todos os esforços posteriores no sentido da cultura. Pois é somente sobre o fundo de uma aprendizagem, de um bom uso da língua, estrito, artístico, cuidadoso, que se afirma o verdadeiro sentimento de grandeza dos nossos clássicos, que até agora não se aprendeu a estimar no ginásio [...] mas é preciso saber, por experiência própria como a língua é difícil; é preciso ao preço de longas lutas, alcançar a via por onde marcharam nossos grandes poetas, para

perceber com que leveza e beleza eles marcharam e com que inaptidão e grandiloquência os outros os seguiram. (NIETZSCHE, 2003, p.76)

No manejo adequado da linguagem percebemos uma ligação direta com a arte. Exatamente aqui, no momento em que falam e escrevem, os jovens demonstram o grau de sua integração com a filosofia e a arte. Para Nietzsche, a arte não nega os desejos, nem os instintos, nem a vontade, ela é antes de qualquer coisa a afirmação da vida: a arte conclui a existência. Há, na arte, uma vivência de domínios internos inacessíveis à linguagem. Os poetas andam com leveza e beleza, eles marcham nos labirintos da língua, e conseguem transmitir ideias e pensamentos difíceis de expressar, justamente pela familiaridade com o idioma. Em contrapartida, nos estabelecimentos de ensino, certas palavras da moda e jargões, que os jornalistas costumam usar com frequência, causam até mesmo um desconforto físico na visão de Nietzsche, uma cacofonia insuportável. Em suma, Nietzsche contrapõe a poesia à forma utilizada em nossos estabelecimentos de ensino, a saber: a forma jornalística que produz subcultura de forma apressada e grandiloquente, a máquina estatal segue produzindo romances e textos eruditos para leitores imersos no espírito da mediocridade e do otimismo vulgar da modernidade.

[...] Imaginemos, além disso, o perigo que oculta a fragilidade da auto-satisfação que surge facilmente nesta idade, imaginemos o sentimento de coquetismo com o qual o jovem contempla, então, sua imagem literária pela primeira vez no espelho – então, quem poderia ainda duvidar, compreendendo com um único olhar todos estes efeitos, de que todos os males de que sofre a vida literária e artística são novamente impressos nas novas gerações através do ginásio: a tendência de produzir de modo apressado e vão, a mania desprezível de escrevinhar livros, a total ausência de estilo, um modo de se expressar não refinado e sem caráter, ou tristemente grandiloquente, a perda de todo cânone estético, a voluptuosidade da anarquia e do caos, em suma, os traços literários do nosso jornalismo, assim como da nossa produção acadêmica. (NIETZSCHE, 2003, p. 73)

Além do tratamento da língua alemã, Nietzsche também censurava os ginásios de sua época por permitirem autonomia aos estudantes em uma idade em que eles não estavam preparados para tanto. Ele considerava a figura do mestre importantíssima, pois, para Nietzsche, o professor deveria ser um guia, uma fonte de inspiração para os alunos e, para tal, exigia-se “dependência”, “adestramento”, “submissão” e “obediência” (Sobrinho, 2003 P. 12). Adverte-se que a relação mestre/discípulo foi transformada no Ocidente com o advento da modernidade, que via essa relação como algo horizontal. Contrariamente aos ideais expressos pelos filósofos modernos, Nietzsche afirmava com veemência que o jovem estudante do ginásio não possuiria a experiência necessária para, com suas próprias forças,

chegar a um estágio no qual ele possa se desgarrar dos valores vigentes, criando novos valores, para assim se superar e exercer sua vontade de potência afirmativa. Somente com a educação apropriada e com os “homens cultivados” poderíamos engendrar a procura pelo *gênio*. Os jovens necessitariam, assim, de guias e mestres; somente assim poderiam se criar as condições necessárias para o aparecimento daquilo que Nietzsche classifica como “espíritos raros”.

Toda a cultura clássica, como se diz, só tem um expediente sadio e natural, o hábito de usar com seriedade e rigor artístico a sua língua materna; mas para isto, é raro que alguém seja conduzido do interior, com suas próprias forças, para o segredo da forma, pelo atalho conveniente; na maioria dos casos, todos têm necessidade destes grandes guias e mestres e devem entregar-se à sua proteção. (NIETZSCHE 2003, p. 78)

Nietzsche, contudo, nos faz lembrar que uma educação como esta, para o raro, para o excepcional, para o superior, exigiria muito mais do que uma simples receptividade amistosa, ela requereria sim um esforço de criação, elevação e superação de si mesmo [*Selbsüberwindung*] uma condição que não pode ser encontrada em todos os homens. Nietzsche defende, portanto, uma educação que seja *aristocrata* (essencialmente não-igualitária), mas não baseada na superioridade de uma raça ou de uma classe social, e sim na supremacia da vontade de poder, da superação de valores, da superação de si mesmo. De fato, a autonomia que se pretendia atribuir aos estudantes era uma simples ilusão que ocultava neles a agonia de se verem institucionalmente livres, mas com um sentimento de abandono, uma intrínseca necessidade de guias, uma agonia de se verem empurrados a uma “especialização” limitada e aviltante, exigência de nossa época. Esta mesma autonomia era encontrada nas universidades e com a mesma força que atingia os ginásios também não promovia nenhuma vantagem nas instituições superiores de ensino e não promoviam, de forma nenhuma, a “individualidade”, como a princípio poderia parecer, mas antes, por causa do distanciamento e da indiferença que trazia consigo, a cerceava, a mediocrizava, a destruía. Em suma, tal como pontua Sobrinho (2003, p. 12) para Nietzsche os estabelecimentos de ensino se apresentavam como instituições transmissoras de uma educação ao mesmo tempo uniformizada e medíocre, utilitária e integradora, baseada neste princípio de “livre personalidade”, cujos efeitos era a de produzir jovens imaturos e indiferentes.

Uniformizando o conhecimento e uniformizando os alunos, a instituição se curva às exigências do mercado e do Estado. Para Nietzsche a finalidade do homem, segundo a visão moderna das instituições educacionais, segue em direção à idolatria do Estado como fim supremo da humanidade:

[...] mas aqui experimentamos somente as consequências desta doutrina recentemente pregada em todos os lugares: Que o Estado é o fim supremo da humanidade e que não há para o homem deveres mais elevados do que servir o Estado (Nietzsche, 2003 p. 165).

Em outras palavras, tornou-se cultura somente o que for diretamente útil aos desígnios do Estado e nega-se os instintos que não encontram nestes intentos seu emprego imediato. Para o melhor entendimento da relação entre educação e Estado – ou do perigo do fomento educacional para um possível Estado totalitário -, vale destacar a análise de Nietzsche sobre a Prússia. Segundo o filósofo, o modelo prussiano de educação, voltado principalmente para uma escola pública, gratuita e obrigatória, foi exportado para todos os países do ocidente constituindo o nosso modelo educacional vigente.

[...] Foi exatamente o mais poderoso dos Estados modernos, a Prússia, que levou mais a sério o direito de ser o guia supremo em matéria de cultura e escola, que, dada a ousadia que é própria deste Estado, o princípio duvidoso do qual ele se apoderou adquiriu um significado universalmente ameaçador e perigoso para o autêntico espírito alemão. (NIETZSCHE, 2003 p. 97)

O Estado moderno – aqui tomando a Prússia como exemplo - tornou-se o arauto de uma “cultura superior” e trouxe consigo uma educação atrelada aos interesses do Estado. Na Prússia, uma política sistemática foi implementada e a “educação para todos” tornou-se um valor incorporado na sociedade, uma educação voltada, exclusivamente, para a exaltação do Estado, na sua maior representação de poder; as forças armadas. O serviço militar era obrigatório e apoiado por toda a população e o ginásio prussiano era um caminho necessário para cargos públicos ou militares importantes e carregavam certa honra. Com esta concisa estrutura militar/cultural/estatal, o Estado prussiano, obriga -não de forma coerciva, mas sim, de forma aminada e dissimulada - seus servidores a se apresentarem diante dele munidos da luz da cultura universal do Estado. Assim, todas as áreas do saber, inclusive a filosofia, são pensadas em prol de seus benefícios. Consequentemente, tal modelo de Estado Moderno possui forte rejeição a uma filosofia autêntica e livre e, por esse motivo, faz questão de trazer para perto de si o maior número de professores de filosofia possível, a fim de causar a ilusão de que possui a filosofia ao seu lado e tem perto de si filósofos que não promovem qualquer medo ao sistema estabelecido.

[...] Ocorre de fato que em geral o Estado tem medo da filosofia, então, neste caso, ele buscará, cada vez mais, atrair para si o maior número de filósofos que puder, o que lhe confere a ilusão de ter a filosofia ao seu lado – e assim ele tem ao seu lado estes homens que se valem dela, mas não aspiram nenhum medo. Mas, se aparecesse um homem que realmente tivesse a intenção de tudo atacar, aí compreendido o Estado, com o cutelo da verdade, o Estado estaria no direito,

porque é, sobretudo a sua existência que ele afirma, de excluir este homem e tratá-lo como inimigo [...](NIETZSCHE 2003 p. 210)

Nietzsche e a Educação para a Cultura

Como seria possível, nestas circunstâncias, libertar, pelo menos os mais bem dotados, por meio da educação? Eis a questão chave. Em lugar da massificação e do utilitarismo, Nietzsche propõe o aprimoramento individual e uma “educação para a cultura”. Os currículos escolares deveriam tomar como exemplo a cultura clássica, que se baseia primeiramente na afirmação da necessidade de filosofia e arte e, sobre os processos pedagógicos, devemos nos ater no princípio da autoridade do “homem cultivado” sobre jovens ainda imaturos e impulsivos. Contra a prevalência do animal de rebanho, levanta-se o filósofo solitário que mantém sua autonomia em relação aos poderes estabelecidos.

Nietzsche fala das instituições de seu país, ele via o avanço do ensino técnico sobre todos os níveis escolares com a finalidade de preparar profissionais e servidores competentes, ou seja, uma massa uniforme, sem senso crítico, operários para as fábricas e consumidores de uma pseudo-cultura. Apesar de estar falando das instituições de seu país, devemos considerar que o modelo educacional prussiano, ao qual Nietzsche se refere, foi adotado por praticamente todo o Ocidente. Logo, os problemas levantados pelo filósofo são problemas estendidos também para a escola brasileira.

Nietzsche combatia a vulgarização dos conteúdos escolares, também criticava o saber voltado para a “erudição”, entendida aqui como o excesso de profundidade, o “especialista” ou o homem da ciência, tão valorizado em nossa época. Para Nietzsche, o erudito – ou o especialista - é um paradoxo na medida em que, embora movido pela pressa, característica principal da modernidade, seu “instinto de conhecimento” não chega a alcançar uma visão abrangente e real a respeito da vida e do mundo. Noutros termos, o erudito é um intelectual que tem um horizonte limitado por sua conformidade acrítica ao presente: sua aparente neutralidade é exatamente uma expressão desta conformidade, sua superficialidade e sua unilateralidade gera nele o ódio para com a filosofia e contra todas as exigências que ela faz. [...] *O ódio da filosofia, que não é de maneira nenhuma raro nos eruditos, é, sobretudo o ódio dos longos encadeamentos lógicos e da engenhosidade das provas. [...] (NIETZSCHE, 2003 p. 192/93)*

Em outras palavras, os homens das ciências particulares, elevados para o máximo status em nossa sociedade e responsáveis pela disseminação da cultura jornalística nas

instituições de ensino, seriam também responsáveis por uma cultura que abandona o ensino da reflexão filosófica e, no lugar disso, pautam uma educação voltada unicamente para a cultuação do Estado e da economia, ou seja, uma cultura oficial e utilitária. Longe disso, para Nietzsche, a educação não era uma questão meramente burocrática, como a modernização e a superespecialização levam a crer.

Nietzsche considerava que havia, em sua época, um excesso de cultura histórica, que gerava uma referência paralisante ao passado, esta tendência histórico-cientificista impossibilitava a presença efetiva da Arte e da Filosofia no ensino, por se tratar de campos de conhecimento instáveis e desafiadores, que estimulam a crítica. É importante destacar que Nietzsche não era contra o ensino de história, ele era sim contra a introdução de orientação histórica com viés científico ao invés de uma construção prática e de um hábito. Também não subestimava o sentido histórico dos fatos, porém, nos moldes em que se apresentavam, via um sistema engessado, um entrave para a percepção da “força plástica” do ser humano, ou seja, sua habilidade de se transformar, de se adaptar ao imprevisível da vida. Para Nietzsche, a história deve pretender não somente uma interpretação, mas também uma intervenção tão contundente que seja capaz de mudar o curso dos fatos e colocar-se a serviço da pulsão da vida.

[...] Este estado natural de extrema indigência deve, o que é facilmente compreensível, ser o inimigo mais encarniçado desta autonomia tão querida, para o qual o jovem culto de nossa época, me parece, devia ser guiado. Todos os jovens de “hoje” que se refugiaram na “evidência” se esforçaram zelosamente para reprimir e paralisar este estado natural, para desviá-lo e sufoca-lo: e o meio favorito é imobilizar este instinto filosófico natural por meio do que se chama agora de “cultura histórica” [*Historischeildung*]. Um sistema que até pouco tempo atrás gozava de uma celebridade mundial escandalosa encontrou a fórmula desta autodestruição da filosofia: e agora se revela em todo o lugar, com este tratamento histórico das coisas, esta propensão ingênua e privada de escrúpulos de transformar o que é mais irracional em “razão” e de apresentar como branco o que é mais negro, de modo que se poderia muitas vezes perguntar, parodiando o princípio de Hegel: será esta irracionalidade real? Ora, é justamente o irracional que parece agora ser a única coisa real, quer dizer, a única coisa atuante, e se toma como verdadeira “cultura histórica” a arte de considerar esta espécie de realidade pronta para a explicação histórica. Eis como se disfarçou o instinto filosófico da nossa juventude: os estranhos filósofos das nossas universidades parecem ter conspirado para reforçar a confiança dos nossos jovens estudantes nesta cultura histórica[...] (NIETZSCHE, 2003 p. 128).

Nietzsche lamenta que uma espécie de “ditadura da praticidade” tivesse causado uma perda da importância da leitura e do estudo da língua nas escolas levando a uma degeneração da cultura. Um dos primeiros pensadores a conceber a leitura como uma atividade que não se limita a informação passiva de informações, Nietzsche achava que ler é uma experiência

transformadora, inclusive no sentido físico. Isso porque, ao se formar leitor, é necessário educar a postura, treinar a concentração e perseverar.

Grande admirador da antiguidade, principalmente da cultura pré-socrática, o filósofo não dissociava, em seus textos, pensamento e vida. Modos de vida inspiram maneiras de pensar e modos de pensar criam maneiras de viver. Para Nietzsche a educação deveria se especializar em formar personalidades fortes, não homens comuns, teóricos ou eruditos. Cabe à escola produzir nos alunos a capacidade de dar novos sentidos às coisas e aos valores. Ao educador cabe o papel de modelo (no sentido de exemplo, de guia), alguém que demonstra como se educar com disciplina e paciência. Quanto à reflexão filosófica específica ao fazer da educação, cabe uma ressalva: tomar modelos pedagógicos como uma forma disciplinar-se a si mesmo, tornando-se cada vez mais rígido e mais forte frente às adversidades. Noutros termos, tomar modelos pedagógicos para que sejam superados, na conquista da autonomia. Em uma via nietzschiana, tem-se o modelo não como algo para ser seguido, mas sim superado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRENECHEA, Miguel Angel da. *Nietzsche: a memória, o esquecimento e a alegria da superfície*. In: Nietzsche e os Gregos, Arte, Memória, e Educação; Assim Falou Nietzsche V. DP&A Editora, 2006,

GALLO, Sílvio. *Crítica da cultura, educação e superação de si: entre Nietzsche e Stirner*. In: Nietzsche e os Gregos, Arte, Memória, e Educação; Assim Falou Nietzsche V. DP&A Editora, 2006,

MARTINS, Angela. *Nietzsche e a mudança de valores na educação*. In: Nietzsche e os Gregos, Arte, Memória, e Educação; Assim Falou Nietzsche V. DP&A Editora, 2006,

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Trad. P. C. Souza: Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2003.

_____. *Assim falou Zarathustra*, Trad. Mario Ferreira, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2011.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Cia das letras, 1995.

_____. *Escritos sobre Educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2004.

SOBRINHO, Noeli Correia de Melo. A pedagogia de Nietzsche. In: NIETZSCHE, F. *Escritos sobre Educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2003.